

MAX HASTINGS

INFERNO

O MUNDO EM GUERRA 1939-45

TRADUTOR: BERILO VARGAS



PARA MICHAEL SISSONS,
por trinta anos um magnífico agente,
conselheiro e amigo

Introdução

Este livro trata, principalmente, de experiências humanas. Homens e mulheres de dezenas de países lutaram em busca de palavras para descrever o que lhes aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, que transcendeu tudo o que conheciam. Muitos recorreram a um clichê: “Um verdadeiro inferno.” Por ser essa frase um lugar-comum nas descrições das testemunhas oculares de batalhas, ataques aéreos, massacres e afundamentos de navios, as gerações posteriores se sentem tentadas a tratá-la como uma trivialidade. Ainda assim, num sentido importante, essas palavras capturam a essência do que significou a luta para centenas de milhões de pessoas, arrancadas de suas existências pacíficas e ordeiras para enfrentar provações que, em muitos casos, duraram anos e que, para ao menos sessenta milhões de pessoas, levaram à morte. Cerca de 27 mil pessoas morreram diariamente entre setembro de 1939 e agosto de 1945 em consequência do conflito global. Alguns sobreviventes descobriram que seu comportamento durante a luta definiu, pelo resto da vida, sua posição na sociedade, para o bem ou para o mal. Guerreiros bem-sucedidos preservaram um brilho que permitiu a alguns progredir no governo ou nos negócios. Em sentido inverso, num bar em Londres, trinta anos depois do Dia da Vitória, um veterano da Guarda murmurava sobre um destacado estadista conservador: “Não é mau sujeito, Smith. Pena que fugiu na guerra.” Uma holandesa descobriu, enquanto crescia nos anos 1950, que seus pais classificavam cada vizinho de acordo com seu comportamento durante a ocupação alemã da Holanda.

Soldados de infantaria britânicos e americanos horrorizaram-se com as experiências vividas na campanha de 1944 e 1945 no noroeste da Europa, que se estendeu por onze meses, mas russos e alemães combateram entre si, por quase quatro anos, em condições bem piores e sofrendo baixas* muito mais numerosas. Alguns países que desempenharam um papel militar apenas marginal perderam muito mais gente do que os Aliados Ocidentais: as atribuições da China nas mãos dos japoneses entre 1937 e 1945 custaram pelo menos quinze milhões de vidas; na Iugoslávia, onde a guerra civil se sobrepôs

* Neste livro, a palavra “baixa” é usada em seu sentido técnico militar, significando homem morto, desaparecido, ferido ou prisioneiro. Na maioria dos combates terrestres e em quase todos os teatros de guerra, aproximadamente três homens eram feridos para cada morto.

à ocupação pelo Eixo, o número de mortos ultrapassou um milhão. Muitas pessoas testemunharam espetáculos comparáveis à concepção de inferno dos pintores renascentistas, para onde eram relegados os condenados: seres humanos despedaçados em fragmentos de carne e osso, cidades incineradas por bombas e reduzidas a entulho, comunidades organizadas desfeitas em partículas humanas dispersas. Quase tudo o que os povos civilizados consideraram garantido em tempos de paz foi posto de lado, especialmente a expectativa de receber proteção contra a violência.

É impossível detalhar num único volume a vastidão da guerra, o maior evento da história humana. Embora eu tenha descrito seus aspectos em oito títulos, sendo os mais significativos *Bomber Command*, *Overlord*, *Armageddon*, *Nemesis* e *Finest Years*, esforcei-me para evitar a repetição de casos ou a análise de grandes questões. Por exemplo, depois de dedicar um capítulo inteiro de *Nemesis* ao lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 1945, parece improdutivo revisitar meus próprios argumentos. Este livro oferece uma estrutura cronológica e procura estabelecer e refletir sobre a “visão geral”, o contexto dos acontecimentos: o leitor deve adquirir uma ampla percepção do que aconteceu ao mundo entre 1939 e 1945, mas o objetivo principal é iluminar o que o conflito significou para uma multidão de pessoas comuns de muitas sociedades, participantes tanto ativos quanto passivos — embora a distinção quase sempre seja pouco clara. Por exemplo, uma mulher de Hamburgo que apoiava Hitler ardorosamente, mas morreu nos incêndios gerados pelos bombardeios dos Aliados em julho de 1943, foi cúmplice da responsabilidade nazista pela guerra ou vítima inocente de uma atrocidade?

Na busca pela história humana, sempre que possível sem perder a coerência, minha narrativa omite identificações de unidades e detalhes sobre manobras em campos de batalha. Tentei criar um retrato global: a narrativa estratégica ressalta aspectos do conflito que não examinei em outras ocasiões e sobre os quais parece haver mais a dizer — sobre a Índia, por exemplo — em detrimento de outros, já explorados exaustivamente, como Pearl Harbor e a batalha da Normandia.

O genocídio de judeus tornou-se o objetivo mais coerente da ideologia nazista. Em *Armageddon*, escrevi sobre as aflições dos prisioneiros em campos de concentração e aqui, ao contrário, tratei a evolução do Holocausto a partir de uma perspectiva nazista. A concepção ocidental moderna de que a guerra foi travada por causa dos judeus é tão generalizada que se deve enfatizar que não foi esse o caso. Embora Hitler e seus seguidores preferissem atribuir aos judeus a culpa pelos problemas da Europa e pelas injustiças sofridas pelo Terceiro Reich, a luta da Alemanha contra os Aliados era sobre poder e dominação hemisférica. Os apuros do povo judeu sob a ocupação

nazista pareciam assunto relativamente menor no entendimento de Churchill e de Roosevelt — e, o que é menos surpreendente, de Stalin. Cerca de um sétimo de todas as vítimas fatais do nazismo e quase um décimo de todos os mortos na guerra eram judeus, mas, naquele momento, essa perseguição era vista pelos Aliados meramente como um fragmento dos danos colaterais causados por Hitler, que é como os russos ainda veem o Holocausto. A limitada atenção dada pelos Aliados às dificuldades dos judeus durante a guerra foi uma fonte de frustração e de revolta para outros judeus bem informados e é motivo de grande indignação desde então. Porém, é importante reconhecer que entre 1939 e 1945 os países aliados viram a luta principalmente em termos da ameaça que o Eixo impunha aos seus interesses, apesar de Churchill definir esses interesses em termos generosos e nobres.

Uma entre as mais importantes verdades sobre a guerra, a rigor sobre todos os assuntos humanos, é que as pessoas somente podem interpretar o que lhes acontece no contexto de suas próprias circunstâncias. O fato de que, objetiva e estatisticamente, o sofrimento de alguns indivíduos foi menos terrível do que o de outros, em variadas partes do mundo, não importava aos envolvidos. A um soldado britânico ou americano que enfrentava uma baragem de morteiro, com camaradas morrendo à sua volta, pareceria monstruoso demonstrar que as baixas russas eram muitas vezes maiores. Seria um insulto convidar um francês faminto, ou mesmo uma dona de casa inglesa cansada da monotonia das rações, a considerar que na sitiada Leningrado pessoas famintas comiam umas às outras e que, na Bengala Ocidental, pais vendiam filhas. Poucas pessoas que suportaram a blitz da Luftwaffe em 1940 e 1941 em Londres se sentiriam confortadas ao saber que alemães e japoneses enfrentariam perdas muito piores infligidas pelos bombardeios aliados, junto com uma devastação sem paralelo na história. É o dever e o privilégio de historiadores mostrar um relativismo aos eventos que não se pode esperar de contemporâneos. Quase todos os participantes da guerra sofreram em algum grau: a escala variada e a natureza diversa de suas experiências são temas deste livro, mas o fato de as aflições de outras pessoas serem piores pouco fazia para promover o estoicismo pessoal.

Alguns aspectos da experiência de guerra foram quase universais: o medo, a dor e o recrutamento de jovens obrigados a suportar vidas absolutamente distantes daquelas que escolheriam, em geral pegando em armas e, nos piores casos, como escravos. A explosão de casos de prostituição foi um trágico fenômeno global, que merece seu próprio livro. O conflito provocou muitas migrações em massa. Algumas eram ordeiras: metade da população da Grã-Bretanha mudou-se durante a guerra, e muitos americanos aceitaram empregos em lugares desconhecidos. Em outras partes, porém, milhões de pessoas

foram arrancadas de suas comunidades em circunstâncias espantosas e enfrentaram provações que, com frequência, as levaram à morte. “É uma época estranha”,¹ escreveu uma anônima berlinense, em 22 de abril de 1945, num dos melhores diários escritos durante a guerra, “a história vivida em primeira mão, a matéria-prima de histórias ainda não contadas e de canções ainda não cantadas. Mas, vista de perto, a história é muito mais incômoda — nada além de fardos e medos. Amanhã sairei à procura de urtigas e um pouco de carvão”.

A natureza da experiência no campo de batalha variava de país para país, de força armada para força armada. Dentro dos exércitos, os fuzileiros viveram riscos e dificuldades muito maiores que as de milhões de soldados das unidades de apoio. As forças armadas americanas sofreram uma proporção geral de baixas de apenas cinco para cada mil soldados alistados; a ampla maioria daqueles que serviram não enfrentou perigos maiores do que os civis de vida comum. Enquanto dezessete mil feridos americanos perderam membros, cem mil operários sofreram amputações em decorrência de acidentes industriais nos Estados Unidos durante os anos de guerra. Homens que se viam no campo de batalha enquanto seus países batiam em retirada sofreram mais do que aqueles que serviram em tempos de vitória; guerreiros aliados que somente participaram de combates em 1944 e 1945 tinham uma perspectiva de sobrevivência muito melhor do que, digamos, tripulantes de aviões ou de submarinos que começaram a participar de operações mais cedo, quando sua causa ia mal.

Minha história enfatiza opiniões e experiências vistas a partir dos degraus mais baixos, as vozes da gente comum, não de pessoas mais importantes; escrevi extensamente sobre os chefes militares de 1939-1945 em outras publicações. Diários e cartas contemporâneos registram o que as pessoas fizeram ou o que se fez a elas, mas geralmente dizem pouco sobre o que pensavam; o que é mais interessante, mas também mais evasivo. A explicação óbvia é que muitos guerreiros eram jovens e imaturos: viviam extremos de agitação, terror ou dificuldades, mas apenas uma pequena minoria tinha energia emocional para refletir, pois estavam absorvidos por seu ambiente físico, por suas necessidades e desejos mais imediatos.

Era fundamental que somente um número ínfimo de líderes e comandantes nacionais soubesse muito sobre o que se passava além de seu campo de visão. Os civis viviam numa espessa névoa de propaganda e incertezas, um pouco menos densa na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos do que na Alemanha ou na Rússia. Os combatentes na linha de frente avaliavam seu êxito ou fracasso na guerra contando o número de baixas e observando se andavam para a frente ou para trás. Esses indicadores, porém, nem sempre eram adequados: o batalhão do soldado Eric Diller passou dezessete dias isolado

do principal exército americano durante a campanha de Leyte, nas Filipinas, mas só percebeu a gravidade da situação quando ela lhe foi explicada pelo comandante de sua companhia depois da guerra.²

Mesmo quem tinha acesso privilegiado a segredos era confinado a fragmentos de conhecimento de um vasto quebra-cabeça. Roy Jenkins, por exemplo, que se tornaria um estadista britânico, decifrava mensagens alemãs em Bletchley Park. Ele e seus colegas conheciam a importância e a urgência do trabalho que executavam, mas, ao contrário da impressão dada por filmes sensacionalistas sobre Bletchley, nada sabiam sobre o significado ou o impacto de sua contribuição. Essas restrições eram maiores, o que não é surpreendente, do outro lado: em janeiro de 1942, Hitler convenceu-se de que muita gente sabia demais em Berlim e decretou que mesmo funcionários do Abwehr receberiam apenas as informações necessárias ao desempenho de suas funções e proibiu que ouvissem as transmissões radiofônicas inimigas, desvantagem considerável para um serviço de inteligência.³

Fascina-me a complexa interação de lealdades e de simpatias mundo afora. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, a certeza de que os pais e avós combateram “a boa guerra” está tão entranhada que muitas vezes esquecemos que povos de muitos países adotaram atitudes mais ambíguas: súditos coloniais e principalmente os quatrocentos milhões de habitantes da Índia viam pouco mérito na derrota do Eixo se continuassem a sofrer o domínio britânico. Muitos franceses lutaram vigorosamente contra os Aliados. Na Jugoslávia, facções rivais estavam muito mais empenhadas em travar uma guerra civil do que em defender os interesses dos Aliados ou do Eixo. Grandes números de súditos de Stalin aproveitaram a oportunidade oferecida pela ocupação alemã para enfrentar o odiado regime de Moscou. Nada disso abala a certeza de que a causa aliada merecia triunfar, mas tais fatos enfatizam que Churchill e Roosevelt nem sempre eram a voz da razão.

Talvez seja útil explicar como este livro foi escrito. Comecei com a releitura de *A World at Arms*, de Gerhard Weinberg, e de *Total War*, de Peter Calvocoressi, Guy Wint e John Pritchard, provavelmente as duas melhores histórias da guerra em volume único. Em seguida, compus o esqueleto da narrativa, sequenciando os acontecimentos mais importantes, e estendi sobre ele a carne de pequenas histórias e de minhas reflexões. Quando terminei o rascunho, reli outros notáveis relatos recentes sobre o conflito: *Why the Allies Won*, de Richard Overy, *There's a War to be Won*, de Allan Millett e Williamson Murray, e *Moral Combat*, de Michael Burleigh, e revi meus comentários e conclusões à luz de suas análises.

Sempre que possível, escolhi historietas relativamente obscuras em detrimento de lembranças pessoais merecidamente celebradas — omitindo, por

exemplo, coisas como *The Last Enemy*, de Richard Hillary, e *Quartered Safe out Here*, de George Macdonald Fraser. A Dra. Lyuba Vinogradova, que pesquisou meu material russo na última década, mais uma vez identificou e traduziu narrativas, diários e cartas pessoais para esta obra. Serena Sissons traduziu milhares de palavras de memórias e diários italianos, porque o povo de Mussolini me parece pouco representado na maioria das narrativas anglo-saxônicas. Explorei relatos poloneses inéditos nos arquivos do Imperial War Museum e no Instituto Sikorski em Londres. Mais uma vez, agradeço à Dra. Tami Biddle, da Escola Superior de Guerra do Exército dos Estados Unidos, em Carlisle, Pensilvânia, por interpretações e documentos resultantes de suas pesquisas, que generosamente compartilhou comigo. Vários amigos, em especial o professor Sir Michael Howard, o Dr. Williamson Murray e Don Berry, me concederam a gentileza de ler o rascunho e fazer correções, sugestões e comentários valiosos. O decano dos historiadores navais britânicos, professor Nicholas Rodger, da All Souls College, em Oxford, leu o capítulo sobre a experiência britânica no mar, para o bem do texto final. Richard Frank, destacado especialista na história do Pacífico americano, identificou um alarmante catálogo de erros escandalosos em meu rascunho, pelo que sou profundamente grato. Nenhum deles, obviamente, é responsável, de alguma forma, por meus julgamentos e erros.

A mais alta aspiração de qualquer escritor, mais de 65 anos depois do fim da guerra, é oferecer uma visão pessoal, mais do que um relato abrangente, dessa que foi a maior e mais terrível de todas as experiências humanas e que jamais deixa de inspirar em seus estudiosos mais modernos uma humildade e gratidão por termos sido poupados de qualquer coisa parecida. Em 1920, quando o coronel Charles à Court Repington, correspondente militar do *Daily Telegraph*, publicou um *best-seller* sobre o conflito recente, consideraram sinistro e de mau gosto que tenha escolhido como título *A Primeira Guerra Mundial*, pois presumia a existência de outras. Chamar este livro de *A última guerra mundial* pode ser um desafio à providência, mas é certo, pelo menos, que nunca mais milhões de homens armados irão se enfrentar em campos de batalha europeus como em 1939-1945. Os conflitos do futuro serão bastante diferentes, e talvez eu não esteja sendo precipitadamente otimista ao sugerir que serão menos terríveis.

MAX HASTINGS

Chilton Foliat, Berkshire, e Kamogi, Quênia

Junho de 2011

A Polônia traída

Embora Adolf Hitler estivesse decidido a ir à guerra, sua invasão à Polônia, em 1939, não era mais contundente para desencadear um conflito global do que fora o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, da Áustria, em 1914. A Grã-Bretanha e a França não tinham vontade ou recursos para cumprir com eficácia as garantias de segurança que haviam dado aos poloneses. A declaração de guerra dos dois países à Alemanha foi um gesto que mesmo os antinazistas mais arraigados consideraram tolo, por futilidade. Para todos os beligerantes, exceto os poloneses, a luta começou lentamente: somente no terceiro ano a morte e a destruição globais atingiram a vastidão que seria mantida até 1945. Até mesmo o Reich de Hitler era, no início, mal equipado para gerar a intensidade de violência exigida por um conflito mortal entre os países mais poderosos do mundo.

No verão de 1939, *E o vento levou*, o romance de Margaret Mitchell sobre o velho Sul norte-americano, desfrutou de uma onda de popularidade na Polônia. “De alguma forma, eu o considerei profético”,¹ escreveu um de seus leitores poloneses, Rula Langer. Poucos compatriotas duvidavam que um conflito com a Alemanha fosse iminente, pois Hitler deixara claro seu compromisso com a conquista. O povo polonês, ferozmente nacionalista, respondeu à ameaça nazista com o mesmo espírito dos jovens da Confederação, fadados à morte, em 1861. “Como muitos de nós, eu acreditava em finais felizes”,² contou um jovem piloto de caça. “Queríamos lutar, aquilo nos animava, e queríamos que fosse rápido. Não acreditávamos que algo ruim pudesse realmente acontecer.” Quando o tenente de artilharia Jan Karski recebeu a ordem de mobilização, em 24 de agosto, sua irmã o aconselhou a não levar roupas demais. “Você não está indo para a Sibéria”,³ disse ela. “Teremos você de volta dentro de um mês.”

Os poloneses manifestavam sua propensão à fantasia. Havia uma exuberância nas conversas de café e de bar em Varsóvia, com suas belezas barrocas e seus 25 teatros que levaram os cidadãos a proclamarem-na “a Paris da Europa Oriental”. Um repórter do *New York Times* escreveu, ao visitar a capital polonesa: “Ouvindo as pessoas falarem, pode-se pensar que a Polônia, e não a Alemanha, era o grande colosso industrial.”⁴ O ministro do Exterior de Mussolini, seu genro, o conde Galeazzo Ciano, advertiu o embaixador polonês em Roma de que, se resistisse às demandas territoriais de Hitler, seu país combateria sozinho e “rapidamente se

transformaria num monte de ruínas”⁵ O embaixador não discordou, mas disse, vagamente, que “algum sucesso eventual (...) poderia dar à Polônia mais força”. Na Grã-Bretanha, os jornais de lorde Beaverbrook denunciaram como provocativa a atitude desafiadora de Varsóvia diante das ameaças de Hitler.

A nação polonesa de trinta milhões de habitantes, incluindo quase um milhão de etnia alemã, cinco milhões de ucranianos e três milhões de judeus, manteve suas fronteiras estabelecidas pelo Tratado de Versalhes por um período de apenas vinte anos. Entre 1919 e 1921, a Polônia lutou contra os bolcheviques para reafirmar sua independência em relação à persistente hegemonia russa. Em 1939, o país era governado por uma junta militar, embora o historiador Norman Davies tenha afirmado que: “Se houve tempos difíceis e injustiça na Polônia, não houve fome ou assassinatos em massa, como na Rússia, nem se recorreu aos métodos bestiais do fascismo ou do stalinismo.”⁶ A pior manifestação do nacionalismo polonês era o antisemitismo, exemplificado por cotas para o ingresso de judeus nas universidades.

Aos olhos de Berlim e de Moscou, o estado polonês devia sua existência apenas à *força maior* dos Aliados em 1919 e não tinha legitimidade. Em um protocolo secreto do Pacto Nazi-Soviético, assinado em 23 de agosto de 1939, Hitler e Stalin concordaram com a partição e dissolução da Polônia. Apesar de verem a Rússia como inimiga histórica, os poloneses ignoravam as intenções soviéticas imediatas para o país e estavam determinados, em vez disso, a frustrar os propósitos da Alemanha. Sabiam que o mal equipado exército polonês seria incapaz de derrotar a Wehrmacht; todas as suas esperanças repousavam numa ofensiva anglo-francesa a oeste, que dividiria as forças da Alemanha. “Em vista da irremediável situação militar da Polônia”,⁷ escreveu seu embaixador em Londres, o conde Edward Raczynski, “minha maior preocupação tem sido garantir que não sejamos envolvidos na guerra contra a Alemanha sem receber ajuda imediata de nossos aliados”.

Em março de 1939, os governos britânico e francês deram garantias, formalizadas em tratados subsequentes, de que lutariam caso houvesse agressão alemã contra a Polônia. Se o pior acontecesse, a França prometeu à cúpula militar em Varsóvia que seu exército atacaria a linha Siegfried de Hitler em até treze dias depois da mobilização. A Grã-Bretanha prometeu uma ofensiva imediata com aviões de bombardeio contra a Alemanha. As garantias oferecidas pelas potências refletiam cinismo, pois nenhuma delas tinha a menor intenção de cumpri-las: destinavam-se a deter Hitler mais do que a fornecer assistência militar verdadeira à Polônia. Eram gestos sem substância, mas os poloneses preferiram acreditar.

Embora Stalin não fosse cobeligerante de Hitler, o acordo entre Moscou e Berlim o tornava cobeneficiário das agressões nazistas. De 23 de agosto em

diante, o mundo viu a Alemanha e a União Soviética agirem de comum acordo, faces gêmeas do totalitarismo. Pela maneira como a luta global terminou em 1945, com a Rússia ao lado dos Aliados, alguns historiadores aceitaram a classificação que a União Soviética fez de si mesma, depois da guerra, como potência neutra até 1941. É um engano. Embora Stalin temesse Hitler e soubesse que um dia teria de lutar contra ele, tomou, em 1939, a decisão histórica de consentir com a agressão alemã em troca do apoio nazista ao seu programa de ampliação territorial. Quaisquer que fossem as desculpas dadas posteriormente pelo líder soviético, e apesar de seus exércitos nunca terem lutado em parceria com a Wehrmacht, o Pacto Nazi-Soviético estabeleceu uma colaboração que persistiu até Hitler revelar seus verdadeiros objetivos com a operação Barbarossa.

O pacto de não agressão de Moscou, junto ao Tratado de Amizade, Cooperação e Demarcação, de 28 de setembro, comprometeu os dois principais tiranos do mundo a endossarem as ambições um do outro e renegarem hostilidades recíprocas em favor de engrandecimento em outros lugares. Stalin aquiescia às políticas expansionistas de Hitler a oeste e deu importante ajuda material à Alemanha — petróleo, milho e produtos minerais. Os nazistas, mesmo com a falta de sinceridade, concederam rédea solta, no leste, aos soviéticos, cujos objetivos incluíam a Finlândia Oriental e os países bálticos, além de um grande pedaço da carcaça da Polônia.

Hitler queria que a Segunda Guerra Mundial começasse em 26 de agosto, apenas três dias depois da assinatura do Pacto Nazi-Soviético. Mas, em 25 de agosto, enquanto ordenava que a mobilização prosseguisse, ele adiou a invasão à Polônia: ficou chocado ao descobrir que Mussolini não estava disposto a lutar imediatamente ao seu lado e que comunicações diplomáticas sugeriam que a Grã-Bretanha e a França tinham a intenção de honrar as garantias oferecidas a Varsóvia. Três milhões de homens, quatrocentos mil cavalos e duzentos mil veículos, além de cinco mil trens, avançavam rumo à fronteira polonesa enquanto uma última lufada de propostas fúteis ocorria entre Berlim, Londres e Paris. Finalmente, em 30 de agosto, Hitler ordenou o ataque. Às 20h da noite seguinte, a cortina se abriu para o primeiro, e apropriadamente sórdido, ato do conflito. Sturmbannführer Alfred Naujocks, do Sicherheitsdienst (serviço de segurança alemão), comandou um grupo vestido em uniformes poloneses, que incluía uma dúzia de criminosos condenados desdenhosamente chamados de *Konserwen* — “latas” —, num assalto simulado à estação de rádio alemã em Gleiwitz, na Alta Silésia. Tiros foram disparados, slogans patrióticos poloneses foram transmitidos pelas ondas de rádio, e, então, os “agressores” se retiraram. Soldados das SS metralharam os “latas”, cujos corpos ensanguentados foram exibidos a correspondentes estrangeiros como prova da agressão polonesa.

Às 2 horas de 1º de setembro, o Primeiro Regimento Montado da Wehrmacht foi um dos grupos despertados em seus bivaques pelo toque de clarim — algumas unidades alemãs, e muitas polonesas, seguiram a cavalo para a batalha. Os esquadrões selaram, montaram e puseram-se em marcha até a linha de partida, ao lado de barulhentas colunas de blindados, caminhões e canhões. A ordem fora dada: “Retirar as coifas dos canhões! Carregar! Usar travas de segurança!” Às 4h40, os grandes canhões do velho couraçado alemão *Schleswig-Holstein*, ancorado no porto de Danzig para uma “visita de estreitamento de laços”, abriram fogo contra o forte polonês de Westerplatte. Uma hora depois, soldados alemães demoliram postes na fronteira ocidental, abrindo caminho para que as lideranças da força de invasão adentrassem a Polônia. Um dos comandantes, o general Heinz Guderian, logo se viu passando pela propriedade ancestral de sua família em Chelmno, onde nascera quando o lugar era parte da Alemanha pré-Versalhes. Entre seus soldados, o tenente Wilhelm Pruller, de 23 anos, expressou a euforia que se alastrava pelo exército: “É um maravilhoso sentimento, agora, ser alemão (...) Atravessamos a fronteira. *Deutschland, Deutschland über alles!* A Wehrmacht alemã está marchando! Se olharmos para trás ou para a frente, à esquerda ou à direita, a Wehrmacht motorizada está em toda parte!”⁸

Os Aliados Ocidentais, encorajados por saberem que a Polônia se gabava de ter o quarto maior exército da Europa, previam que a luta duraria alguns meses. Os defensores posicionaram 1,3 milhão de homens contra 1,5 milhão de alemães, com 37 divisões em cada lado. Mas a Wehrmacht era muito mais bem equipada, contando com 3.600 veículos blindados, contra 750 dos poloneses, e 1.929 aviões modernos, contra novecentos obsoletos. O exército polonês posicionava-se progressivamente desde março, mas evitara a plena mobilização em atenção aos apelos anglo-franceses para que não provocasse Hitler. Com isso, os defensores foram surpreendidos em 1º de setembro. Um diplomata polonês escreveu a respeito da atitude de seu povo: “Eles estavam unidos no desejo de resistir, mas sem uma ideia clara sobre o tipo de resistência que deviam oferecer, além de muita conversa mole sobre se apresentarem voluntariamente como ‘torpedos humanos.’”⁹

Ephrahim Bleichman, um judeu de dezesseis anos que vivia em Kamionka, foi, com milhares de moradores locais, convocado à praça da cidade para ouvir o prefeito. “Cantamos um hino polonês declarando que a Polônia ainda não estava perdida e outro prometendo que nenhum alemão nos cuspiria no rosto.”¹⁰ Piotr Tarczyński, de 26 anos, funcionário administrativo de uma fábrica, esteve doente por algumas semanas antes de ser recrutado. Mas, quando informou ao oficial comandante de sua bateria de artilharia que tinha problemas de saúde, o coronel respondeu com um enérgico discurso patriótico “e me disse que tinha certeza de que eu, quando me visse na sela, me sentiria

muito melhor”.¹¹ Era tal a escassez de equipamentos que o regimento não pôde dar uma arma individual a Tarczyński, mas ele recebeu um bem de distribuição restrita, um grande cavalo chamado “Wojak” — “Guerreiro”.

Um instrutor da força aérea, Witold Urbanowicz, simulava uma batalha aérea com um aluno, no céu de Dęblin, quando viu, estupefato, buracos surgirem nas asas do avião. Aterrissando às pressas, encontrou um colega oficial que corria pelo campo e exclamava: “Você está vivo, Witold? Não está ferido?”¹² Urbanowicz exigiu uma explicação: “O que está acontecendo?” O camarada respondeu: “Você deveria ir à igreja e acender uma vela. Você foi atacado por um Messerschmitt!” A vulnerabilidade das defesas polonesas era óbvia em toda parte. O piloto de caça Franciszek Kornicki¹³ recebeu ordem para decolar duas vezes, em 1º e 2 de setembro. Na primeira vez, perseguiu um avião alemão que se distanciou com facilidade; na segunda ocasião, quando seus canhões emperraram, ele tentou consertá-los, virou o avião sobre o próprio eixo e atacou novamente. Quando a aeronave se inclinou quase verticalmente, as fivelas dos cintos que o seguravam na cabine cederam, ele caiu no céu e se viu fazendo uma constrangedora descida de paraquedas.

Às 17 horas, perto da aldeia de Krojanty, cavaleiros poloneses da Uhlan receberam ordem para contra-atacar e cobrir a retirada da infantaria vizinha. Enquanto se alinhavam e desembainhavam os sabres, o ajudante de ordens capitão Godlewski sugeriu que avançassem a pé. “Meu jovem”, respondeu, irritado, o comandante do regimento, coronel Mastalerz, “sei muito bem o que é cumprir uma ordem impossível.” Curvados sobre o pescoço dos cavalos, 250 homens avançaram rapidamente por um campo aberto. Soldados alemães de infantaria saíram do caminho à sua frente, mas além deles havia veículos blindados, cujas metralhadoras destruíram os uhlands. Dezenas de cavalos arrebentaram-se no chão, enquanto outros disparavam sem cavaleiros. Dentro de minutos, metade dos atacantes estava morta, incluindo o coronel Mastalerz. Os sobreviventes bateram em retirada desordenadamente.

O alto-comando da França tinha insistido que os poloneses concentrassem suas forças atrás de três grandes rios no centro do país, mas o governo de Varsóvia achou mais importante defender os 1.440 quilômetros de fronteira com a Alemanha, em boa parte porque a maior parte da indústria polonesa se localizava a oeste; com isso, algumas divisões ficaram responsáveis por fronts de 29 quilômetros, quando suas forças — cerca de quinze mil homens — mal davam conta de cinco ou seis quilômetros. O ataque alemão de três pontas — norte, sul e oeste — penetrou profundamente no país em face da resistência ineficiente, isolando bolsões de defensores. Aviões da Luftwaffe apoiaram os tanques Panzer e lançaram ataques aéreos arrasadores sobre Varsóvia, Lodz, Dęblin e Sandomierz.

Soldados e civis poloneses foram metralhados e bombardeados com imparcialidade brutal, ainda que algumas vítimas demorassem a reconhecer a gravidade da ameaça. Depois da primeira onda de ataques, Virgília, americana casada com o príncipe polonês Paul Sapieha, disse à família, para tranquilizá-la: “Vejam, essas bombas não são tão ruins. Seu latido é pior do que a mordida.” Quando duas bombas caíram no parque da imponente casa da família Smorzewski, em Tarnogóra, na noite de 1^o de setembro, as crianças da casa, Ralph e Mark, foram arrancados da cama pela mãe e apressados para se esconder na mata com outros jovens refugiados. “Quando nos recuperamos do choque inicial”,¹⁴ escreveu Ralph, posteriormente, “olhamos uns para os outros e tivemos um ataque de riso. Que cena estranha formávamos: um bando heterogêneo de jovens, alguns de pijama, outros com casacos por cima das roupas íntimas, parados ao acaso debaixo das árvores, brincando com máscaras de gás. Decidimos voltar para casa.”

Logo, porém, as risadas cessaram: o povo da Polônia foi obrigado a reconhecer o poder devastador da Luftwaffe. “Fui acordado pelo gemido das sirenes e pelo barulho das explosões”,¹⁵ escreveu o diplomata Adam Kruczkiewicz, em Varsóvia. “Vi aviões alemães voando a altitudes incrivelmente baixas e jogando bombas à vontade. Havia tiros intermitentes de metralhadora disparados do topo de alguns edifícios, mas nenhum piloto polonês (...) A cidade estava impressionada com a quase total ausência de defesa antiaérea. Todos se sentiam amargamente decepcionados.” A cidade de Lutsk certa manhã, cedo, foi alvo de uma dúzia de bombas alemãs, que mataram dezenas de pessoas, na maioria crianças a caminho da escola. Vítimas impotentes chamaram o céu sem nuvens daqueles dias de setembro de “a maldição da Polônia”. O piloto B. J. Solak escreveu: “O cheiro de queimado e um véu marrom de fumaça encheram todo o ar em volta de nossa cidade.”¹⁶ Depois de esconder seu avião desarmado debaixo de árvores, Solak dirigia para casa quando viu um camponês na estrada, “puxando um cavalo cujas ancas eram uma manta de sangue congelado. Sua cabeça tocava a poeira com as narinas, e a cada passo ele estremecia de dor”. O jovem aviador perguntou ao camponês aonde ele levava o animal ferido, vítima de um Stuka, avião de bombardeio em picada. “Para a clínica veterinária da cidade.” “Mas faltam seis quilômetros e meio!” Um dar de ombros: “Eu só tenho este cavalo.”

Mil tragédias maiores se desenrolaram. Enquanto a bateria de artilharia do tenente Piotr Tarczyński avançava, chacoalhando, para o campo de batalha, aviões Stuka se lançavam sobre ela; todos saltaram de suas selas e se jogaram no chão. Algumas bombas foram lançadas, homens e cavalos caíram. Então, os aviões sumiram, a bateria se refez e retomou a marcha. “Vimos duas mulheres, uma de meia-idade e a outra apenas uma menina, carregando uma

escada de mão. Nela, estendia-se um homem ferido, ainda vivo e segurando com força o abdome. Quando passaram por nós, vi que os intestinos dele se arrastavam no chão.”¹⁷ Władysław Anders havia lutado com os russos na Primeira Guerra Mundial, sob o general czarista de nome exótico Khan de Nakhitchevan. Agora, no comando de uma brigada de cavalaria polonesa, Anders viu uma professora conduzir um grupo de alunos para o abrigo proporcionado pela mata. “De repente, ouviu-se o ruído de um avião. O piloto voou em círculos, descendo a uma altura de cinquenta metros. Enquanto jogava suas bombas e disparava suas metralhadoras, as crianças se espalharam como pardais. O avião desapareceu com a mesma rapidez com que surgiu, mas no campo ficaram algumas trouxas de roupas coloridas, amarrotadas e sem vida. A natureza da nova guerra já estava clara.”¹⁸

George Ślązak, de treze anos, estava num trem com um grupo de crianças que voltava de um acampamento de verão para sua cidade, Lodz. Subitamente, houve explosões e gritos, e o trem parou. O líder do grupo ordenou aos berros que os meninos saíssem depressa e corresse para uma floresta próxima. Chocados e aterrorizados, eles permaneceram deitados por meia hora até que o bombardeio cessasse. Ao se levantarem, viram, poucas centenas de metros adiante, um trem de tropas em chamas, que fora o alvo dos alemães. Alguns meninos romperam em lágrimas diante da visão de homens ensanguentados; a primeira tentativa de reembarque no trem foi frustrada pelo retorno das metralhadoras da Luftwaffe. Finalmente, continuaram viagem em vagões perfurados por balas. Ao chegar em casa, George encontrou a mãe soluçando ao lado do rádio: ela ouvira a notícia da aproximação dos alemães.

O piloto Franciszek Kornicki visitou um camarada num hospital de Lodz: “Era um lugar terrível, cheio de homens feridos e moribundos, deitados por toda parte, em camas e no chão, em quartos e em corredores, alguns gemendo em agonia, outros em silêncio, com os olhos fechados ou arregalados, esperando.”¹⁹ O general Adrian Carton de Wiart, chefe da missão militar britânica na Polônia, escreveu, amargurado: “Vi o rosto da guerra mudar — despojado de glória, não mais o soldado saindo para a batalha, mas mulheres e crianças sendo sepultados por ela.”²⁰

No domingo, 3 de setembro, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha, em cumprimento às garantias dadas à Polônia. A aliança de Stalin com Hitler levou muitos comunistas europeus, obedientes a Moscou, a se distanciarem da posição de seus países contra os nazistas. Denúncias de sindicalistas contra o que tachavam de “guerra imperialista” influenciaram atitudes em muitas fábricas, estaleiros e minas de carvão na França e na Grã-Bretanha. Apareceram pichações nas ruas: “Parem a guerra: o trabalhador paga.” “Não

à guerra capitalista.” Um membro do Parlamento, Aneurin Bevan, do Partido Trabalhista Independente, porta-bandeira da esquerda, preveniu-se convocando uma luta em duas frentes: contra Hitler e contra o capitalismo britânico.

Os protocolos secretos do Pacto Nazi-Soviético, delineando as ambições territoriais das duas partes, permaneceram desconhecidos nas capitais ocidentais até que os arquivos alemães foram capturados em 1945. Mas, em setembro de 1939, muitos cidadãos das democracias viam a Rússia e a Alemanha como inimigos. O alter ego ficcional do romancista Evelyn Waugh, Guy Crouchback, adotou uma visão partilhada por muitos conservadores europeus: o acordo de Stalin com Hitler, “notícia que abalou políticos e jovens poetas de uma dúzia de capitais, trouxe paz profunda a um coração inglês (...) O inimigo finalmente estava à vista, imenso e odioso, todos os disfarces descartados. Era a Idade Moderna em pé de guerra”.²¹ Alguns políticos queriam separar Rússia e Alemanha e buscar o apoio de Stalin para derrotar o mal maior que era Hitler. Até junho de 1941, porém, essa perspectiva parecia remota: as duas ditaduras eram vistas como inimigas comuns das democracias.

Hitler não contava com a declaração de guerra anglo-francesa. A condescendência dos dois países quando ele anexou a Tchecoslováquia, em 1938, juntamente com a impossibilidade de socorro militar direto à Polônia, indicava uma falta tanto de vontade quanto de recursos para desafiá-lo. O Führer rapidamente se recuperou do choque inicial, mas alguns acólitos ficaram perturbados. Göring, comandante em chefe da Luftwaffe, com os nervos muito abalados, teve uma explosão de raiva ao telefone, falando com o ministro do Exterior da Alemanha, Ribbentrop: “Agora você conseguiu a porra da guerra que queria! Você é o único culpado!” Hitler se esforçara para forjar uma sociedade de guerreiros alemães comprometidos com a glória marcial, obtendo notável êxito entre os jovens. Mas os mais velhos mostravam bem menos entusiasmo em 1939 do que em 1914, por recordarem dos horrores do conflito anterior e da derrota. “Esta guerra tem uma irrealidade fantasmagórica”,²² escreveu o conde Helmuth von Moltke, oficial de inteligência da Abwehr, mas adversário implacável de Hitler. “O povo não a apoia (...) Está apático. É como uma *danse macabre* executada por desconhecidos.”

O correspondente americano da CBS, William Shirer, informou, da capital de Hitler, em 3 de setembro: “Não há entusiasmo aqui (...) Nada de hurras, nada de aplausos loucos, nada de jogar flores (...) O povo alemão que vemos esta noite é muito mais sombrio do que o que vimos ontem à noite ou no dia anterior.”²³ Enquanto passava por Stettin com sua unidade do exército a caminho da fronteira polonesa, Alexander Stahlberg ecoou as palavras de Shirer: “Nada do bravo estado de espírito de agosto de 1914, nada de aplausos, nada de flores.”²⁴ O escritor austríaco Stefan Zweig tinha uma explicação pronta: “As pes-

soas não sentiam o mesmo porque o mundo em 1939 não era tão puerilmente ingênuo e crédulo como em 1914 (...) Essa fé quase religiosa na honestidade ou pelo menos na capacidade de nosso governo desapareceu em toda a Europa.”²⁵

Mas muitos alemães tinham sentimentos como os de Fritz Muehlebach, um funcionário do Partido Nazista: “Vi a interferência da Inglaterra e da França (...) como nada mais do que uma formalidade (...) Assim que se dessem conta da absoluta inutilidade da resistência polonesa e da vasta superioridade armamentícia alemã, começariam a ver que sempre tivemos razão e que não fazia sentido se intrometer (...) Foi apenas como resultado de algo que não era da conta deles que a guerra começou. Se a Polônia estivesse sozinha, não há dúvida de que teria cedido tranquilamente.”²⁶

Os países aliados esperavam que o simples gesto de declarar guerra “mostraria o blefe de Hitler”, precipitando sua derrubada por seu povo e um acordo de paz sem um catastrófico choque de armas na Europa Ocidental. O egoísmo dominou a reação da Grã-Bretanha e da França à tragédia que se desenrolava na Polônia. O comandante em chefe da França, general Maurice Gamelin, dissera, em julho, ao seu colega britânico: “Temos todo o interesse em que o conflito comece no leste, generalizando-se apenas aos poucos. Dessa maneira, podemos aproveitar o tempo de que precisamos para mobilizar a totalidade das forças franco-britânicas.” Um membro conservador do Parlamento, Cuthbert Headlam, escreveu com petulância em seu diário, em 2 de setembro, que os poloneses “são os únicos culpados pelo que lhes acontece agora.”²⁷

Na Grã-Bretanha, em 3 de setembro, o alarme de ataque aéreo, que soou minutos depois do anúncio de guerra do primeiro-ministro Neville Chamberlain, feito pelo rádio, provocou emoções descontraídas. “Minha mãe ficou muito abalada”,²⁸ escreveu o estudante londrino J. R. Frier, de dezenove anos. “Várias mulheres desmaiaram nas redondezas, e muitas correram para a rua imediatamente. Alguns comentários: ‘Não vá para o abrigo antes de escutar os tiros de canhão’; ‘Os balões ainda nem foram soltos’; ‘O canalha deve ter despachado seus aviões antes do prazo.’” Depois do sinal de que o perigo passara, “em poucos minutos todos estavam na porta de casa, falando rapidamente uns com os outros, com vozes nervosas. Mais conversas sobre Hitler e revoluções na Alemanha (...) A coisa mais peculiar experimentada hoje foi o desejo de que algo acontecesse — ver aviões chegando e as defesas em ação. Não quero ver bombas caindo e pessoas mortas, mas, de alguma forma, como *estamos* em guerra, quero que ela se anime e comece. Nesse ritmo, só Deus sabe quanto tempo vai durar.” A impaciência sobre a provável duração da luta mostrou-se um sentimento popular permanente.

Em colônias africanas remotas, rapazes fugiram para o mato ao ouvir a notícia de que uma guerra havia começado: temiam que os governantes britâ-

nicos repetissem a prática da Primeira Guerra Mundial, recrutando-os para o trabalho compulsório — como viria, de fato, a acontecer. Um queniano chamado Josiah Mariuki registrou “um boato sinistro de que Hitler vinha matar todos nós, e muitas pessoas, com medo, desceram para os rios e cavaram buracos nas margens para se esconderem das tropas”.²⁹ Os líderes das forças armadas da Grã-Bretanha reconheciam seu despreparo para a batalha, mas alguns jovens soldados profissionais eram ingênuos o suficiente para se animarem com a perspectiva de lutas e promoções. “O efeito era de regozijo e de animação”,³⁰ escreveu John Lewis, pertencente ao Regimento Cameronians. “Hitler era uma figura ridícula, e os cinenoticiários Pathé, que mostravam soldados alemães marchando em passos de ganso, provocavam hilaridade (...) Eles eram muito bons para bombardear, em aviões, aldeias espanholas indefesas, mas isso era tudo. A maioria de seus tanques era feita de papelão, para enganar. Vencemos uma Alemanha muito mais poderosa vinte anos antes. Éramos o maior império do mundo.”

Poucas pessoas eram tão lúcidas quanto o tenente David Fraser, do Regimento de Guardas Granadeiros, que observou pungentemente: “A atitude mental dos britânicos diante das hostilidades distinguia-se por suas falhas básicas — frouxidão de raciocínio e falsas convicções (...) O povo das democracias precisa acreditar que o bem se opõe ao mal — daí o espírito das cruzadas. Tudo isso, junto com as tentativas de despertar vigorosas paixões morais e ideológicas, tende a ir contra aquele frio conceito de guerra como [uma] extensão da política definido por Clausewitz, um exercício com objetivos finitos e alcançáveis.”³¹

Muitos aviadores britânicos previam seu destino provável. O oficial-piloto Donald Davis escreveu: “Era um maravilhoso dia de outono quando passei de carro por Wittenham Clumps e Chiltern Hills, que eu conhecia tão bem, e me lembro de ter pensado que provavelmente estaria morto em três semanas. Parei para olhar o cenário e refletir por alguns minutos. [Concluí que], se me visse diante das mesmas decisões, eu ainda assim teria optado por voar e ingressar na RAF, se pudesse.”³² Para a geração de Davis, em todo o mundo, o privilégio de ter acesso ao céu cumpria uma visão romântica suprema, a qual muitos jovens estavam satisfeitos em pagar pondo em risco a própria vida.

Em Westminster, com condescendência monumental, um ministro do governo disse ao embaixador polonês: “Como vocês têm sorte! Quem poderia pensar, seis meses atrás, que teriam a Grã-Bretanha ao seu lado, como aliada?”³³ Na Polônia, a notícia da declaração de guerra da Grã-Bretanha e da França provocou uma onda de esperança, estimulada pela retórica extravagante dos novos Aliados. Os moradores de Varsóvia abraçavam-se nas ruas, dançavam, choravam, buzinavam. Uma multidão reuniu-se em frente à embaixada

britânica na avenida Ujadowskie, vibrando, cantando, estropiando uma versão de “God Save the King”. O embaixador, Sir Howard Kennard, gritou, da sacada: “Viva a Polônia! Lutaremos lado a lado contra a agressão e a injustiça!”

As cenas tumultuosas foram repetidas na embaixada da França, onde uma multidão cantou a “Marselhesa”. Em Varsóvia, naquela noite, um boletim do governo anunciou triunfalmente: “Unidades da cavalaria polonesa penetraram as linhas blindadas alemãs e estão agora na Prússia Oriental.” Em toda a Europa, inimigos do nazismo agarravam-se a breves devaneios. Mihail Sebastian era um escritor romeno e judeu de 31 anos. Em 4 de setembro, depois de ouvir notícias sobre a declaração de guerra da Grã-Bretanha e da França, ficou ingenuamente espantado por os países não terem atacado de imediato pelo oeste. “Ainda estão esperando alguma coisa? É possível (como dizem alguns) que Hitler venha a cair imediatamente e ser substituído por um governo militar, que então buscará a paz? Haverá mudanças radicais na Itália? O que fará a Rússia? O que acontece com o Eixo, sobre o qual há um silêncio repentino em Roma e em Berlim? Mil perguntas que nos deixam sem fôlego.”³⁴ Em meio ao próprio tumulto mental, Sebastian buscava alívio lendo, primeiro, Dostoiévski, depois Thomas de Quincey, em inglês.

Em 7 de setembro, dez divisões francesas seguiram com cautela para o Sarre alemão. Após avançarem oito quilômetros, pararam: isso representou o limite da demonstração armada em apoio à Polônia. Gamelin esperava que os poloneses pudessem conter a Wehrmacht de Hitler até que o programa de rearmamento francês estivesse mais avançado. Aos poucos, o povo polonês compreendeu que estava sozinho em sua agonia. Stefan Starzyński, antigo soldado da Legião de Piłsudski, era o entusiástico prefeito de Varsóvia desde 1934, famoso por transformar a cidade se utilizando da impressionante exuberância das flores de verão. Agora, Starzyński falava diariamente ao povo pelo rádio, denunciando a barbárie nazista com emoção apaixonada. Recrutou equipes de salvamento, convocou milhares de voluntários para cavar trincheiras e consolou vítimas de bombas alemãs, que, em pouco tempo, se contavam aos milhares. Muitos moradores fugiram para o leste; os ricos trocando carros, para os quais não havia combustível, por carroças e bicicletas. O judeu Ephrahim Bleichman viu longas colunas de refugiados de sua gente se arrastarem miseravelmente pela estrada que saía de Varsóvia. Em sua inocência, não percebeu o perigo particular que corriam: apesar do notório antissemitismo da Polônia, “nunca passei por nada mais severo do que xingamentos.”³⁵

O cansaço entre os homens e os cavalos logo se tornou a grande ameaça para o precipitado avanço alemão. Um cabo de cavalaria, Hornes, viu-se às voltas com seu cavalo Herzog, sempre a tropeçar. “Gritei para o comandante da seção: ‘Herzog já deu o que tinha de dar!’ Mal falei e o pobre animal

caiu de joelhos. Cavalgamos setenta quilômetros no primeiro dia e sessenta quilômetros no segundo dia. Além disso, tínhamos viajado pelas montanhas com a patrulha da vanguarda a galope (...) Significa que percorremos quase duzentos quilômetros em três dias, sem um descanso decente! A noite caíra havia muito tempo e continuávamos cavalgando.”³⁶

Os horrores da Blitzkrieg aumentavam: enquanto a rádio Varsóvia tocava “Polonaise Militaire”, de Chopin, o bombardeio alemão sobre a capital era acompanhado pelo fogo de milhares de canhões, que disparavam trinta mil granadas por dia e transformavam seus edifícios magníficos em entulho. “O adorável outono polonês está chegando”,³⁷ escreveu o piloto de caça Miroslaw Ferić em seu diário, recuando a seguir diante da ironia. “Dane-se a sua beleza.” Um manto de fumaça e poeira cinzenta estendeu-se sobre a capital; o castelo real, a ópera, o teatro nacional, a catedral e dezenas de edifícios públicos, além de milhares de casas, foram reduzidos a ruínas. Corpos insepultos e covas improvisadas espalhavam-se por toda parte nos bulevares e parques; o fornecimento de alimentos, água e eletricidade foi cortado; com quase todas as janelas quebradas, estilhaços de vidro cobriam as calçadas. Em 7 de setembro, a cidade e seus 120 mil defensores foram cercados enquanto o exército polonês recuava para leste. O chefe do estado-maior, marechal Edward Rydz-Śmigły, fugira de Varsóvia com o restante do governo no segundo dia de guerra. O sistema de suprimento e de comunicação do exército entrou em colapso. Cracóvia caiu, quase sem resistência, em 6 de setembro; Gdynia caiu em seguida, no dia 13, apesar de sua base naval resistir por mais uma semana.

Um contra-ataque, em 10 de setembro, por oito divisões polonesas, através do rio Bzura, a oeste de Varsóvia, interrompeu brevemente a ofensiva alemã e fez 1.500 prisioneiros. Kurt Meyer, da Divisão SS Liebstandarte, reconheceu, com um misto de admiração e condescendência: “Os poloneses atacam com enorme tenacidade, provando repetidas vezes que realmente sabem morrer.” Ao contrário do que diz a lenda, apenas em duas ocasiões os cavaleiros poloneses lutaram contra tanques alemães. Um desses episódios ocorreu na noite de 11 de setembro, quando um esquadrão se lançou a todo galope na aldeia de Kałuszyn, fortemente armada pelos alemães. Dos 85 cavaleiros que atacaram, apenas 33 se reagruparam depois. Os invasores empregavam sua própria cavalaria para reconhecimento e mobilidade, mais do que para atacar. A unidade do cabo Hornes avançava em coluna enquanto dois homens cavalgavam à frente: “Eles galopavam de uma colina para a outra e acenavam para as tropas. Como precaução adicional, cavaleiros solitários foram despachados conosco no alto das colinas. De repente, vimos contornos novos e desconhecidos emergirem da densa nuvem de poeira: cavalos pequenos e ágeis, balançando a cabeça, cavalgados por uhlands poloneses com seus uniformes cáqui e lanças compridas, com

uma extremidade apoiada no couro do estribo e a outra, no ombro. As pontas brilhantes oscilavam para cima e para baixo, em sintonia com os cascos dos cavalos. No mesmo momento, nossas metralhadoras abriram fogo.³⁸

A Wehrmacht era muito mais bem armada e blindada do que seus inimigos. A Polônia era um país pobre, com apenas poucos milhares de caminhões militares e civis; seu orçamento nacional era menor do que o da cidade de Berlim. Em vista da má qualidade e do pequeno número de aviões poloneses, em comparação com a Luftwaffe, é notável que a campanha tenha custado à Alemanha 560 aeronaves. A bateria de artilharia do tenente Piotr Tarczyński viu-se sob intenso fogo a 1,6 quilômetro do rio Warta. Observador avançado, ele descobriu que seus telefones estavam mudos; os instaladores enviados para investigar o problema não retornaram. Sem ter solicitado o disparo de uma única salva, ele foi cercado pela infantaria alemã, que o tomou como prisioneiro. Como muitos homens em sua situação, tentou adular os captores: “Só comparo minha situação com alguém que se vê de repente diante de estranhos poderosos, dos quais depende totalmente. Sei que deveria sentir vergonha de mim mesmo.”³⁹ Quando foi levado para o cativeiro, passou por vários soldados poloneses mortos; instintivamente, ele ergueu a mão para saudar cada um.

No meio da fúria popular contra os invasores, houve cenas de violência coletiva que não conferiram honra alguma à causa polonesa. Prisões em massa de descendentes de alemães — supostamente quintas-colunas — foram realizadas no começo de setembro. Em Bydgoszcz, no Domingo Sangrento, 3 de setembro, mil civis alemães foram massacrados sob a alegação de terem disparado contra tropas polonesas. Alguns historiadores alemães modernos afirmam que até treze mil poloneses de origem germânica foram mortos durante a campanha, a maioria inocente; o número real é, quase certamente, bem menor, mas as mortes serviram como pretexto para atrocidades horrendas e sistêmicas cometidas pelos nazistas contra os poloneses, sobretudo os judeus, iniciadas dias depois da invasão. Hitler disse aos seus generais, em Obersalzberg: “Gengis Khan, por vontade própria e despreocupada, mandou matar milhões de mulheres e de homens. A história o vê apenas como um grande estadista (...) Mandeí minhas unidades da Divisão SS Totenkopf (Cabeça da Morte) para o leste com ordem de matar sem piedade homens, mulheres e crianças de raça ou língua polonesa. Somente assim conquistaremos o *Lebensraum* de que precisamos.”

Quando a Wehrmacht entrou em Lodz, George Ślżak ficou perplexo ao ver que algumas mulheres atiravam flores para os soldados e lhes ofereciam doces e cigarros. Criancinhas gritavam “*Heil Hitler!*”. Ślżak escreveu, admirado: “Meninos com quem convivi na escola acenavam bandeiras com a suástica.”⁴⁰ Embora os civis que davam as boas-vindas fossem cidadãos po-

loneses, eram descendentes de alemães e agora se gabavam de suas origens. Goebbels lançou uma estridente campanha de propaganda para convencer seu povo da justiça daquela causa. Em 2 de setembro, o jornal nazista *Völkischer Beobachter* anunciou a invasão com uma manchete de duas linhas: “O Führer proclama a luta pelos direitos e pela segurança da Alemanha.” Em 6 de setembro, a manchete do jornal *Lokal-Anzeiger* afirmava: “Terrível bestialidade dos poloneses — Pilotos alemães atingidos — Colunas da Cruz Vermelha chacinadas — Enfermeiras assassinadas.” Poucos dias depois, o *Deutsche Allgemeine Zeitung* publicava a surpreendente manchete “Poloneses bombardeiam Varsóvia”. A reportagem que se seguia declarava: “A artilharia polonesa de todos os calibres abriu fogo na parte leste de Varsóvia contra nossas tropas na parte oeste da cidade.” A agência de notícias alemã denunciou a resistência polonesa como “absurda e insana”.

A maioria dos jovens alemães, formados pelo sistema de educação nazista, aceitava, sem hesitar, a versão dos fatos dada pelos líderes. “O avanço dos exércitos tornou-se uma marcha irresistível para a vitória”,⁴¹ escreveu um aprendiz de piloto da Luftwaffe, de vinte anos. “Cenas de emoção profunda acontecem durante a libertação dos aterrorizados moradores alemães do Corredor Polonês. Terríveis atrocidades, crimes contra as leis da humanidade, são reveladas por nossos exércitos. Perto de Bromberg e Thorn, foram descobertas sepulturas coletivas contendo os corpos de milhares de alemães massacrados pelos comunistas poloneses.”

Em 17 de setembro, data em que os poloneses esperavam o início da ofensiva prometida pelos franceses na Frente Ocidental, o que se viu foi a União Soviética deflagrar sua brutal investida, destinada a assegurar a parte de Stalin no butim de Hitler. Stefan Kurylak era um polonês ucraniano de treze anos, morador de uma aldeia sossegada perto da fronteira russa. Soldados poloneses em retirada começaram a passar pela poeirenta rua principal, a pé ou a cavalo, alguns gritando, com urgência: “Corram, corram para salvar suas vidas, minha gente. Escondam-se onde puderem, pois eles não têm piedade. Depressa. Os russos estão chegando!”⁴² Em seguida, o adolescente viu uma coluna de tanques soviéticos passar estrepitosamente pela aldeia: uma criança que demorou a sair do caminho, aterrorizada e confusa, foi abatida a tiros com displicência. Kurylak escondeu-se no depósito de batatas da família.

Vyacheslav Molotov, ministro do Exterior de Stalin, disse ao embaixador polonês em Moscou que, como a república polonesa já não existia, o Exército Vermelho intervieria para “proteger cidadãos russos na Bielorrússia e na Ucrânia ocidentais”. Embora Hitler houvesse concordado com a anexação da Polônia Oriental por Stalin, os alemães foram surpreendidos pela intervenção

soviética. Os poloneses também. Quando o Exército Vermelho atingiu sua retaguarda, escreveu o marechal Rydz-Śmigły amargamente, a resistência somente poderia se transformar “numa demonstração armada contra uma nova partição da Polônia”. O alto-comando da Wehrmacht, ansioso por evitar choques acidentais com os russos, decretou uma fronteira nos rios San, Vístula e Narew; onde haviam avançado além dessa linha, suas forças agora recuavam.

Hitler esperava que a intervenção de Stalin levasse os Aliados a declarar guerra contra os russos, e houve em Londres, de fato, debates rápidos sobre se o compromisso da Grã-Bretanha com a Polônia exigia o combate contra um novo inimigo. No Gabinete de Guerra, apenas Churchill e o ministro da Guerra, Leslie Hore-Belisha, insistiram numa preparação para essa eventualidade. O embaixador britânico em Moscou, Sir William Seeds, telegrafou: “Não vejo qual seria, para nós, a vantagem da guerra contra a União Soviética, embora me agradasse pessoalmente declará-la contra Molotov.” Para o alívio do primeiro-ministro Neville Chamberlain, o Foreign Office declarou que as garantias do governo à Polônia cobriam somente a agressão alemã. Uma furiosa retórica britânica foi deflagrada contra Stalin, mas não se pensou em lutar contra ele; os franceses também se limitaram a manifestações de repúdio. Em alguns dias, ao custo de apenas quatro mil baixas, os russos invadiram duzentos mil quilômetros quadrados de território, incluindo as cidades de Lwów e Wilno. Stalin adquiriu suserania sobre cinco milhões de poloneses, 4,5 milhões de descendentes de ucranianos, um milhão de bielorrussos e um milhão de judeus.

Em Varsóvia, pessoas famintas ainda se agarravam à esperança de ajuda vinda do Ocidente. Um guarda de abrigos antiaéreos confidenciou a um conhecido: “Sabe como são os ingleses. Custam a tomar uma decisão, mas agora estão mesmo vindo.”⁴³ Milhões de poloneses ficaram inicialmente atônitos, depois cada vez mais furiosos, com a passividade dos supostos amigos. Um oficial de cavalaria escreveu: “O que estaria acontecendo no Ocidente, pensávamos, e quando os franceses e os britânicos começariam sua ofensiva? Não conseguíamos entender por que nossos aliados demoravam tanto para vir em nosso socorro.”⁴⁴ Em 20 de setembro, o embaixador da Polônia em Londres dirigiu-se, pelo rádio, ao seu povo: “Compatriotas! Saibam que vosso sacrifício não é inútil e que seu significado e sua eloquência são profundamente sentidos aqui (...) As hostes de nossos aliados já estão se preparando (...) O dia virá em que os estandartes vitoriosos (...) retornarão das terras estrangeiras para a Polônia.”⁴⁵ Mas, mesmo enquanto falava, o conde Raczyński tinha consciência, como escreveu posteriormente, de que suas palavras eram “pouco mais do que ficção poética. Onde estavam as hostes aliadas?”

Em Paris, o embaixador polonês Juliusz Łukasiewicz trocou palavras duras com o ministro do Exterior da França, Georges Bonnet. “Não está certo!

O senhor sabe que não está certo!”⁴⁶ disse ele. “Um tratado é um tratado e precisa ser respeitado! O senhor percebe que cada hora de atraso no ataque à Alemanha significa (...) a morte de milhares de homens, mulheres e crianças poloneses?” Bonnet deu de ombros: “Então o senhor quer que as mulheres e as crianças de Paris sejam massacradas?” A correspondente americana Janet Flanner escreveu, em Paris: “Parece, na verdade, que ainda há esforços para conter esta guerra, para prevenir que comece para valer — esforços feitos, talvez com insegurança, por líderes do governo que relutam em entrar para a história como os primeiros a ordenar tiros incendiários ou liderar iniciativas embasadas no reflexo geral do estado de espírito corajoso, porém confuso, de várias camadas da população. Esta deve ser a primeira guerra em que milhões de pessoas em ambos os lados continuam pensando que poderia ser evitada mesmo depois de oficialmente declarada.”⁴⁷



Os franceses não estavam dispostos a lançar uma grande ofensiva contra a linha Siegfried, como insistia Winston Churchill, menos ainda a provocar uma retaliação bombardeando a Alemanha. O governo britânico, da mesma forma, negou-se a ordenar que a RAF atacasse alvos terrestres alemães. Um membro conservador do Parlamento, Leo Amery, escreveu desdenhosamente sobre o primeiro-ministro Neville Chamberlain: “Por abominar a guerra com paixão, ele estava decidido a promovê-la o mínimo possível.”⁴⁸ O *Times* publicava editoriais que, para os leitores poloneses, pareciam zombar de sua aflição: “Na agonia de sua terra martirizada, talvez seja de alguma forma um consolo para os poloneses saber que contam com a simpatia, e mesmo com a reverência, não apenas de seus aliados na Europa Ocidental, mas de todos os povos civilizados do mundo.”

Algumas vezes, argumenta-se que em meados de setembro de 1939, com a maior parte do exército alemão concentrada na Polônia, os Aliados tiveram uma oportunidade ideal para lançar uma ofensiva na Frente Ocidental. Mas a França estava ainda menos preparada psicológica do que militarmente para uma iniciativa dessa natureza, e a pequena força expedicionária da Grã-Bretanha, ainda em trânsito para o continente, pouco poderia contribuir. Os alemães provavelmente teriam repellido qualquer ataque sem grande prejuízo para suas operações no leste, e a inércia dos governos francês e britânico refletia o estado de espírito de seus cidadãos. Uma secretária de Glasgow, chamada Pam Ashford, escreveu em seu diário, em 7 de setembro: “Praticamente todos acham que a guerra acabará em três meses (...) Muitos sustentam que, quando a Polônia for esmagada, não haverá muito sentido em continuar.”⁴⁹

Os poloneses deveriam ter previsto a passividade de seus aliados, mas seu cinismo era inacreditável. Um historiador moderno, Andrzej Suchcitz, escreveu: “O governo polonês e as autoridades militares foram enganados e traídos pelos Aliados Ocidentais. Não havia intenção de dar à Polônia qualquer apoio militar efetivo.” Enquanto Varsóvia encarava sua ruína, Stefan Starzyński declarava, numa transmissão radiofônica: “O destino nos confiou a obrigação de defender a honra da Polônia.” Um poeta polonês louvaria a atitude desafiadora do prefeito em termos sentimentais:

E ele, quando a cidade era apenas uma massa crua e vermelha,
Disse: “Não me entrego.” Que as casas queimem!
Que minhas orgulhosas realizações virem pó sob os bombardeios.
E que importa que um túmulo surja dos meus sonhos?
Para você, que um dia talvez venha aqui, lembrar
Que algumas coisas são mais preciosas do que o mais belo muro
da cidade.⁵⁰

No fim da terceira semana de campanha, a resistência polonesa foi superada. A capital só não foi ocupada porque os alemães queriam destruí-la antes de reivindicarem as ruínas; hora após hora, dia após dia, o bombardeio impiedoso continuava. Uma enfermeira, Jadwiga Sosnkowska, descreveu cenas em seu hospital, nos arredores de Varsóvia, em 25 de setembro:

A procissão de feridos vindos da cidade era uma infundável marcha da morte. As luzes se apagaram, e todos nós, médicos e enfermeiras, tivemos de andar com velas nas mãos. Como a sala de operação e o posto de primeiros socorros tinham sido destruídos, o trabalho era feito nas salas de aula, em mesas comuns, de pinho, e devido à falta de água não havia como esterilizar os instrumentos, que tiveram de ser limpos com álcool (...) Enquanto seres humanos arrasados eram estirados na mesa, o cirurgião tentava inutilmente salvar as vidas que lhe escorregavam pelas mãos (...) Era uma tragédia após a outra. Em um desses casos, a vítima era uma menina de dezesseis anos. Tinha cabelos dourados lindíssimos, o rosto delicado como uma flor, e seus lindos olhos azuis, cor de safira, estavam cheios de lágrimas. As duas pernas, até os joelhos, foram reduzidas a uma massa sangrenta, onde era impossível distinguir osso e carne; ambas tiveram de ser amputadas acima dos joelhos. Antes que o cirurgião começasse, debrucei-me sobre aquela menina inocente para beijar a testa pálida, passar as mãos impotentes em seus cabelos dourados. Ela morreu, serena, no decorrer da manhã, como uma flor arrancada por uma mão impiedosa.⁵¹

Soldados profissionais raramente podem ceder ao sentimentalismo quando falam sobre os horrores da guerra, mas a posteridade deve repudiar a satisfação dos generais da Alemanha em relação ao caráter de seu líder nacional e à aventura assassina em que se tornaram cúmplices. Erich von Manstein é considerado por muitos como o melhor general alemão na guerra; posteriormente, ele se orgulhava ao alegar ter feito sua parte como oficial e cavalheiro. No entanto, seus escritos durante a campanha polonesa e depois dela revelam a insensibilidade característica de sua casta. Ele deitou-se com a invasão: “É uma grande decisão do Führer, tendo em vista a atitude das potências ocidentais até agora. Sua proposta para resolver a questão polonesa foi tão cortês que a Inglaterra e a França — se realmente quisessem a paz — deveriam ter obrigado a Polônia a aceitar.” Pouco após o início da campanha, Manstein visitou um grande-comando que liderara anteriormente: “Foi emocionante ver a equipe tão feliz quando apareci de repente (...) Cranz [seu sucessor] me disse que era um prazer comandar uma divisão tão bem treinada na guerra.”

Em carta à sua mulher, Manstein descreveu sua rotina pessoal durante a campanha, em que servia como chefe do estado-maior de Rundstedt no Grupo de Exércitos do Sul: “Acordo às 6h30, mergulho na água [para nadar], no gabinete às 7 horas. Relatórios matinais, café, depois trabalho ou viagens com R[undstedt]. Ao meio-dia, cozinhas de campanha aqui. Depois, uma pausa de meia hora. À noite, depois do jantar junto com oficiais do estado-maior, como no almoço, os relatórios da noite chegam. E assim continua até 23h30.”⁵² É flagrante o contraste entre a serenidade do quartel-general do exército e a vasta tragédia humana que suas operações haviam desencadeado. Manstein assinou uma ordem para que as forças alemãs que cercavam Varsóvia atirassem contra quaisquer refugiados que tentassem fugir: considerava-se que seria mais fácil forçar um desfecho da campanha e evitar uma batalha nas ruas se os habitantes não pudessem escapar do bombardeio da capital. No entanto, ele era um homem tão melindroso que às vezes deixava a sala onde Rundstedt estava por repulsa à linguagem obscena do chefe. Em 25 de setembro, ele se deleitou com uma visita congratulatória de Hitler, escrevendo para a mulher: “Foi bom ver como os soldados se alegram, em toda parte, quando o Führer passa num carro.”⁵³ Em 1939, o corpo de oficiais da Wehrmacht já demonstrava a falência moral que caracterizaria sua conduta até 1945.

Um oficial da cavalaria polonesa, Klemens Rudnicki, descreveu os apuros de seu regimento e de suas amadas montarias em Varsóvia, em 27 de setembro, a última noite antes que a cidade se rendesse: “Chamas vermelhas, vivas, iluminavam nossos cavalos, que estavam quietos, imóveis, perto dos muros do parque Łazienki, como esqueletos selados. Alguns estavam mortos; outros sangravam, expondo ferimentos enormes. Cenzor, o cavalo de Kowalski, ainda estava vivo, mas jazia com as tripas para fora. Não fazia muito tempo havia conquistado a Copa Desafio do exército, em Tarnopol. Fora nosso orgulho. Um tiro no ouvido acabou com seu sofrimento. No dia seguinte, provavelmente, alguém que precisasse aliviar a fome cortaria um pedaço de seu lombo.”

Varsóvia capitulou em 28 de setembro. O pequeno capitão Krysk, do terceiro esquadrão de Rudnicki, declarou, emocionado, que rejeitava a ordem de rendição: “Pela manhã, atacaremos os alemães para preservar a tradição regimental de que o 9º [Regimento] de Lanceiros jamais se rende.” Rudnicki o dissuadiu; juntos, os oficiais esconderam os estandartes do regimento na igreja de Santo Antônio, na rua Senatorska, o único prédio ainda intacto entre hectares de entulho. Rudnicki refletiu, com pesar, que o exército polonês deveria ter se posicionado em profundidade para uma ação defensiva mais demorada, em vez de se desdobrar em uma fraca linha de vanguarda que certamente seria rompida. Isso, porém, estaria “em desacordo com nossa as-

piração natural — e com nossas tradições militares e esperanças de nos tornarmos uma grande potência”.

Em 29 de setembro, o exército Modlin, ao norte de Varsóvia, rendeu-se aos alemães, que tomaram trinta mil prisioneiros. A resistência organizada diminuiu gradualmente; a península de Hel caiu em 1º de outubro; o último confronto registrado ocorreu em Kock, ao norte de Lublin, no dia 5. Centenas de milhares de homens caíram nas mãos dos alemães, enquanto muitos outros faziam o possível para fugir. O jovem piloto B. J. Solak emocionou-se ao encontrar um coronel-aviador sentado debaixo de uma árvore, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Feliks Lachman foi um dos muitos poloneses cujos pensamentos se voltaram para a leitura recente de *E o vento levou*. Fugindo de casa, pensou: “Por mais arrasada que estivesse a propriedade Tara, Scarlett O’Hara atravessou o fogo e a água para chegar ao lugar a que ela sabia pertencer. Nós tínhamos deixado, de uma vez e para sempre, homens e coisas que formavam o ambiente social, intelectual e emocional de nossas vidas. Andávamos no vácuo, a esmo.” Depois de um ataque aéreo na cidade de Krzemieniec, Adam Kruczkiewicz viu, na rua, um velho judeu numa crise de histeria “em cima do corpo da mulher (...) proferindo uma enfiada de xingamentos e blasfêmias e gritando: ‘Não existe Deus! Hitler e as bombas são os únicos deuses! Não existe graça ou piedade no mundo!’”

Poucas unidades de cavalaria polonesas conseguiram fugir para a Hungria, onde depuseram suas armas. No quartel do 3º Regimento Húngaro de Hussardos, fugitivos cansados comoviam-se com a acolhida dos oficiais da unidade, encabeçados pelo idoso coronel Von Pongratsch, em uniforme cerimonial. Poucos dias depois, quando os poloneses saíram para enfrentar a internação, o barbudo veterano abraçou cada um antes de se despedir. Essas cortesias ao estilo do Velho Mundo eram bem-vindas, porque haviam sido banidas do universo impiedoso em que a maioria dos poloneses agora habitava.

O general Władysław Anders conduziu sua unidade, exausta e desfalcada, para o leste, a fim de escapar dos alemães. Os homens cantavam enquanto incitavam os cavalos emaciados no meio de uma multidão de refugiados e militares retardatários. Então, encontraram o Exército Vermelho, e Anders mandou um oficial de ligação ao quartel-general local dos soviéticos para suplicar a passagem para a fronteira húngara. O polonês foi despojado de tudo o que tinha e ameaçado de execução. Canhões russos puseram-se a bombardear as posições polonesas. Anders ordenou aos seus homens que se dividissem em pequenos grupos e tentassem chegar à Hungria. Ele, gravemente ferido, foi capturado, assim como muitos outros. Um oficial russo disse-lhe, cheio de si: “Agora somos bons amigos dos alemães. Juntos combateremos o capitalismo internacional. A Polônia era uma ferramenta da Inglaterra e, por isso, teve de perecer.”

Regina Lempicka estava entre centenas de milhares de poloneses arbitrariamente presos pelos russos nos meses que se seguiram e, depois, despachados para o Cazaquistão. Sua avó e sua sobrinha, uma bebê, morreram por inanição durante o exílio, enquanto o irmão, soldado, foi morto a tiros. A experiência da família nas mãos dos russos, como ela escreveu, tornou-se “um sonho horripilante”. Enquanto um grupo de soldados poloneses passava por uma ponte na fronteira, conduzido pelo Exército Vermelho, um prisioneiro disse, desoladamente: “Entramos na Rússia. Jamais voltaremos.” Tadeusz Żukowski escreveu: “A partir daquele instante, o mundo inteiro pareceu mudar: céu, solo e pessoas diferentes. Uma sensação esquisita, como se uma rachadura dentro de nós se rompesse, como se a vida nos deixasse e, de repente, desabássemos no interior de uma caverna escura, uma passagem subterrânea escura como breu.” Uma mulher disse, com desprezo, a um soldado a caminho do *gulag*: “Vocês, poloneses, senhores fascistas! Aqui, na Rússia, aprenderão a trabalhar. Aqui serão fortes o suficiente para trabalhar, mas fracos demais para oprimir os pobres!”

Cerca de 1,5 milhão de poloneses, na maioria civis expulsos de suas casas na parte oriental do país confiscada nos meses seguintes, padeceram as provações do cativeiro e da fome em mãos soviéticas, que custaria a vida de 350 mil pessoas. Muitas dessas famílias eram formadas apenas por mulheres, porque os homens foram sumariamente eliminados. Em 5 de março de 1940, o chefe de segurança da União Soviética, Lavrenti Beria, enviou um memorando de quatro páginas a Stalin propondo a eliminação de altos oficiais poloneses e de outros por ele definidos como líderes daquela sociedade. Aqueles detidos em campos soviéticos, insistia Beria, deveriam ser sujeitados ao “uso da mais alta forma de castigo: morte por fuzilamento”. Stalin e outros membros do Politburo aprovaram formalmente a recomendação para decapitar a Polônia. Nas semanas que se seguiram, pelo menos 25 mil poloneses foram assassinados por algozes do NKVD em várias prisões soviéticas, cada um com uma única bala na nuca. Os corpos foram queimados em valas comuns nas florestas dos arredores de Katyn, a oeste de Smolensk, em Minsk e em outros lugares; o maior de todos foi descoberto pelos alegres nazistas em 1943.

Alegações posteriores de que os crimes de guerra realizados pelos Aliados depois de 1945 representavam “a justiça dos vitoriosos” foram bastante reforçadas pelo fato de que nenhum russo foi julgado pelos acontecimentos em Katyn. Em outubro de 1939, um polonês interrogado pelo NKVD perguntou, amargamente: “Como é possível que a União Soviética, um estado progressista e democrático, seja amiga de uma Alemanha nazista, reacionária?” Seu inquisidor respondeu friamente: “Você está enganado. Nossa política atual consiste em sermos neutros durante a luta entre a Inglaterra e a Alemanha. Que eles derramem seu sangue — nosso poder aumentará. Quando estiverem

totalmente exaustos, surgiremos como a parte forte, revigorada e decisiva no último estágio da guerra.” Parece uma descrição justa das aspirações de Stalin.

Hitler, em visita a Varsóvia, em 5 de outubro, apontou para as ruínas e disse aos correspondentes estrangeiros que o acompanhavam: “Senhores, como puderam ver com seus próprios olhos, foi uma loucura criminosa tentar defender esta cidade (...) Eu só gostaria que certos estadistas de outros países, que parecem querer transformar toda a Europa numa segunda Varsóvia, tivessem a oportunidade de ver, como os senhores, o significado real da guerra.” O prefeito de Varsóvia, Starzyński, foi transferido para Dachau, onde foi assassinado quatro anos depois. O exército polonês havia perdido setenta mil homens e deixara 140 mil feridos, além de incontáveis milhares de civis mortos. As baixas do exército alemão somaram dezesseis mil mortos e trinta mil feridos. Cerca de setecentos mil soldados poloneses tornaram-se prisioneiros de Hitler. Um governo polonês no exílio, não eleito, foi estabelecido em Londres.

O chefe britânico do estado-maior imperial, general Sir Edmund Ironside, encontrou-se com Adrian Carton de Wiart quando esse oficial retornava de Varsóvia, repreendendo-o: “Bem, seus poloneses não fizeram muita coisa.” Essa afirmação refletia a frustração das esperanças britânicas e francesas de que o exército polonês infligisse danos suficientes à Wehrmacht para aliviar a necessidade de resistência dos Aliados Ocidentais. Carton de Wiart respondeu: “Vejam os que outros farão, Sir.” Um número notável de poloneses decidiu aceitar o exílio, a separação de tudo o que conheciam e amavam, para permanecerem na luta contra Hitler. Cerca de 150 mil poloneses deslocaram-se para o oeste, em geral após odisséias memoráveis. Foi, de longe, o maior êxodo voluntário de qualquer um dos países que a Alemanha ocuparia e refletia a paixão com que seus cidadãos persistiam na luta. Exilados, em fuga para o Ocidente, ficaram impressionados com o calor humano que receberam na Itália fascista, onde uma multidão gritava: “*Bravo, Polonia!*”

Antes de deixar o aeródromo de sua terra, o instrutor de voo Witold Urbanowicz deu um rádio e suas camisas de seda à mulher que fazia a limpeza dos alojamentos, seu traje de gala para o carregador e partiu de ônibus com seus cadetes pela estrada para a Romênia; quase um ano depois, nos controles de um Hurricane, ele se tornou um dos grandes ases da RAF. Cerca de trinta mil poloneses, um terço deles pilotos e equipes de terra da força aérea, chegaram à Inglaterra em 1940, e muitos outros viriam. Um homem segurava uma hélice de madeira, símbolo ao qual se agarrara teimosamente ao longo de uma viagem de 4.800 quilômetros. Muitos outros ingressaram no exército britânico no Oriente Médio, após sua tardia libertação do cativo stalinista. Esses homens dariam uma contribuição muito mais notável ao esforço de guerra dos Aliados do que a Grã-Bretanha dera a eles.

A Polônia tornou-se o único país ocupado por Hitler onde não houve colaboração entre conquistadores e conquistados. Os nazistas classificaram os poloneses como escravos e receberam, em troca, um ódio implacável. Quando a princesa Paul Sapieha atravessava a fronteira em busca de segurança precária, entre uma leva de refugiados, sua filha pequena perguntou-lhe: “Haverá bombas na Romênia?” A princesa respondeu: “Não haverá mais bombas. Aqui não há guerra. Vamos para um lugar com muito sol, onde as crianças podem brincar em qualquer lugar.” A menina insistiu: “Mas quando voltaremos para a casa e para o papai?” Sua mãe não pôde responder. Dificilmente se encontraria na Europa, em pouco tempo, um canto que oferecesse refúgio seguro para crianças ou adultos.

Hitler se empenhara em conquistar a Polônia, mas, como era comum, não tinha um plano claro sobre o que fazer em seguida. Apenas quando ficou evidente que Stalin saudava a extinção daquele país, o governante alemão decidiu anexar a Polônia Ocidental. Antes da guerra, os nazistas chamavam a Polônia desdenhosamente de *Saisonstaat*, estado temporário. Agora, ela deixava de ser estado em qualquer sentido: Hitler tornara-se o senhor das terras que continham quinze milhões de poloneses, dois milhões de judeus, dois milhões de habitantes de outras minorias e um milhão de descendentes de alemães. Entre suas principais características estava um ódio reflexo a todos que se opunham à sua vontade. Isso logo se manifestou contra os poloneses — e especialmente, é claro, contra os judeus da Polônia. Um dia, em Lodz, logo após o início da ocupação, Szmulek Goldberg voltava do trabalho quando “encontrou caos nas ruas. Pessoas corriam desabaladas para todos os lados. Alguém parou e me segurou pela manga. ‘Esconda-se! Esconda-se!’, gritava. ‘Os alemães estão capturando judeus à mão armada e levando-os em caminhões.’” Ele viu caminhões passarem, carregados de cativos, numa primeira demonstração séria dos desígnios de Hitler para aquele povo. Nas primeiras semanas de conquista da Polônia, milhares de cidadãos judeus foram assassinados.

Na Grã-Bretanha, uma mãe chamada Tilly Rice, que fora evacuada com os filhos de Londres para um porto de pesca no norte da Cornualha, escreveu, em 7 de outubro, quando a campanha polonesa terminou: “Na casa em que moro, toda a história foi recebida em estupefato silêncio (...) A guerra ainda prossegue, mas como algo distante, com repercussões ocasionais na vida geral da comunidade (...) Minhas próprias reações à situação se tornam cada dia mais indiferentes.” A Grã-Bretanha e a França haviam declarado guerra à Alemanha para salvar a Polônia. A Polônia já não existia, e representantes poloneses foram expulsos do Supremo Conselho de Guerra Aliado, onde foram tidos como supérfluos. Muitos políticos e cidadãos britânicos e franceses exigiam respostas: com que objetivo se persistia na guerra? Como poderia ser

travada com eficácia? O embaixador dos Estados Unidos em Londres, Joseph Kennedy, perguntou a seu colega polonês, dando de ombros: “Em que parte deste planeta os Aliados podem lutar contra os alemães e vencer?” Embora Kennedy fosse um anglófono insolente, apaziguador e derrotista, sua pergunta era válida, e os governos aliados não tinham uma boa resposta. Depois da queda da Polônia, o mundo aguardava, perplexo, o que aconteceria a seguir. Uma vez que a França e a Grã-Bretanha não tinham estômago para tomar a iniciativa, o curso da guerra dependia dos caprichos de Adolf Hitler.